

A ILHA DE LESBOS, OS MITOS DE FUNDAÇÃO E A EMERGÊNCIA DAS POLEIS DE FRONTEIRA

*THE ISLAND OF LESBOS, THE FOUNDATION MYTHS AND THE EMERGENCE OF THE BORDER
POLEIS*

José Roberto de Paiva Gomes¹

¹ Doutor em História Comparada pelo PPGHC/UFRJ. Pesquisador do NEA/UERJ e prof. colaborador do CEHAM/NEA/UERJ

Correspondência para: José Roberto de Paiva Gomes (alceusappho@gmail.com)

Recebido em: agosto de 2019; Aceito em: novembro de 2019

RESUMO

Analisaremos o modelo de polis na ilha de Lesbos entre o período troiano e o período arcaico fixado em torno da confederação de seis póleis e do mito de fundação de origem eólica. Observaremos como os regimes políticos das oligarquias e da tirania, após a expulsão da realeza (*basiléia*) se apropriou dos mitos de fundação para estabelecerem suas políticas e economias. Caracterizaremos as póleis como núcleos colonizadores, lugares de fronteira e definidores de uma identidade grega no noroeste do mar Egeu.

Palavras-Chaves: Ilha de Lesbos, *pólis*, fronteira, noroeste do Egeu, colonização

ABSTRACT

We will analyze the polis model set in Lesbos island between the Trojan period, the Archaic period around the confederation six poleis and the wind source foundation myth, formulated around them. We look at how the political regimes of the oligarchy and tyranny, after the expulsion of royalty (basileus kings) appropriating the wind model of foundation myths to establish policies and economies. We characterize the poleis of Lesbos island as settlers nuclei, such as border posts and defining of a Greek identity in the northwest Aegean.

Key-Words: Lesvos Island, Aegean sea, concept of polis, politics and economies

A LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA E A OCUPAÇÃO TERRITORIAL DE LESBOS

A ilha de Lesbos está localizada a noroeste do mar Egeu. Atualmente, compõem a região administrativa do norte do mar Egeu, em conjunto com outras ilhas (Chios, Ikaria, Lemnos e Samos). A *pólis* de Metilene pode ser considerada a capital da “dita” confederação. As descobertas mais antigas sobre a ocupação territorial da ilha remontam ao período chamado de troiano I ao III, entre 3.200 a 2.400 b. C. As escavações foram realizadas por Winifred Lamb, em Thermi, nos anos 40 (Mylonas, 1938, 234). As análises arqueológicas apontam que os micênicos estiveram na região por ocasião do saque de Tróia durante o período da Dark Age. E de acordo a vertente mitológica, os argivos liderados por Xanthius se estabeleceram na região. Em seguida, o território foi ocupado pelos aqueus da região de Olenus na Acaia e comandados por Macareus.

Os achados arqueológicos descrevem que as migrações não afetaram a vida dos nativos. As evidências somente apontam que por ocasião do contato com os eólios, provindos da Tessalia, algumas modificações estruturais ocorreram. Ao ocupar a terra, os eólios fundaram colônias e este fato se consolidou como um fator determinante para a nomenclatura da Ásia Menor como eólica ou jônica. De acordo com outra vertente mítica, Aeolian foi o principal *anax-basileus* de Lesbos, filho de Lapithes e neto de Aeolian, reis da Tessália. O neto teria casado com Mithymna, filha do rei local, descendente de Macareus, da linhagem dos aqueus⁸⁸. Os estudos arqueológicos descrevem que a aculturação se estabeleceu e se julgamos os mitos construídos em torno dos casamentos entre realezas, os colonizadores procuraram esposas nativas para poderem se fixar na região.

⁸⁸ De acordo com Malkin (2005), os mitos de fundação ajudaram os helenos a incorporar os povos vizinhos em suas próprias tradições. A função mediadora dessas narrativas serve não apenas como uma imposição da cultura grega, mas como uma arena para diálogos entre integração e re-invenção. Estes processos que estavam em curso, eram como respostas a novos desenvolvimentos que exigirem novas resoluções entre os gregos e os “indígenas”.

Pelas escavações, Lesbos, no período da ocupação eólica, teria seis grandes cidadelas, comandadas por *basileus*. Essas localidades eram Arisbe, Mithymna, Mytilene, Antissa, Eressus e Pyrra. Os reis *basileus*, por volta do século VI, após um período de *staseis* (conflitos civis), foram depostos por oligarquias ou tiranias. A estrutura dos portos empreendida pelas novas formas de governo evidencia a vocação marítima e comercial de Lesbos para apaziguar as disputas territoriais e a busca por novas terras se estendeu até o estreito de Dardanelos.

A POLIS DE MITILENE E A ATIVIDADE RELIGIOSA

Os relatórios de escavação realizados pela UBC desde 1983 em Metilene (Williams, 1998, 135-149) apontam para a emergência de uma pólis clássico-helenística, contendo alguns elementos que caracterizam a urbanização e a sociedade poliade que ocuparam a região.

A acrópole metilena apresenta diferentes ocupações humanas, através do tempo. Existe uma fortificação e um castelo de estilo genovês que remonta a Idade Média ocupando o alto da estrutura. As escavações evidenciam um conjunto de altares, presente dentro do castelo que datam da Grécia clássica. As oferendas votivas com sacrifícios de porcos estão dedicadas à deusa Demeter. Outras inscrições qualificam os cultos de alguns deuses poliades, como Dioniso e as divindades Cybele e Magna Mater. Nas incursões realizadas em 1987 foram encontrados 237 artefatos cerâmicos e uma considerável quantidade de lamparinas, em um total de 210. Sendo 53 objetos de caráter votivo para Demeter e outras contendo a temática *erotic symplegmata*⁸⁹. As figuras de terracota (*hierodouloi*) encontradas também apresentam um caráter votivo associadas com o santuário de Demeter. Uma parte dos artefatos provinha de importações áticas, descrevendo as interações entre as ilhas e a Grécia

⁸⁹ *Erotic symplegmata* simboliza a disputa erótica entre mulheres e homens muito similar ao rapto de Persefone por Hades (Pollitti, 1986, 131).

continental. Por outro lado, algumas peças de caráter doméstico evidenciam uma produção local, destacando as peregrinações internas para a cidade de Metilene como um centro urbano-religioso.

Outro vestígio material encontrado demarcando a ocupação territorial da ilha foi um peristilo romano, as margens de uma estrada datada do período clássico, por Charitonides em 1961. O suporte material descreve a arquitetura de uma “casa-torre”, seguindo o modelo Vitruviano e pertencendo a época Antonina. Caroline e Hector Williams (1988, 143) destacaram que a ocupação da casa perpassa vários períodos da Antiguidade do período arcaico, clássico-helenístico e por fim no período romano.

LESBOS E A COLONIZAÇÃO DA REGIÃO DO CHERSONESO

Lesbos exerceu um significativo papel econômico na fase conhecida como “grande colonização”. Esta fase coincide com a crise aristocrática do VII a. C entre o grupo dos Pentilidas, que se diziam descendentes de Agamenón. A tirania de Pittakos de Metilene entra em embate com outros grupos aristocráticos sob o controle do comércio. Temos como exemplo, o irmão de Safo, Charaxos que tinha relações comerciais com Naukrates no Egito. A incorporação da aristocracia eólia-lesbia aos interesses comerciais destaca a capacidade desde helenos de conquistar novas fontes de riquezas, conservando ainda seus privilégios aristocráticos vinculados a terra, por causa da produção de vinho. Está busca por novas fontes de renda e acúmulo de bens estará presente nos versos de Alceu.

Analisaremos dois casos de colonização efetuada pelos habitantes de Lesbos⁹⁰, a saber: Sigeion e Sestos.

⁹⁰ O domínio marítimo e econômico pode ser comprovado pela colonização de Naucrates pelos metilenos que se aliaram a uma confederação de 12 cidades-estados no mar Egeu.



Mapa mostrando o noroeste do mar Egeu e a região do Troas-Chersonesus onde se localizam as poleis de Sigeion e de Sestos

CASO DE SIGEION

Sigeion foi fundada pelos metilenos por volta do VIII a. C. de acordo com o Herodoto (5.94.1) e o geógrafo Estrabão (13. 1. 38). No VII a. C., os atenienses enviaram o vencedor olímpico Phrynon para conquistar a area. Segundo a tradição, Phrynon e o aristocrata Pittacus lutou um duelo em que o metileno venceu por enganar seu oponente usando uma rede (Estrabão, 13.1.39; Suda, verbete Pittakus). O conflito foi descrito pelo aristocrata e poeta Alceu de Metilene que escreveu vários poemas (Alceu, frs. 428 a e 167 L. P.). Em um deles (306 L. P.), relatou como tinha fugido de batalha, perdeu seu escudo, e suportando a vergonha dos atenienses pendurá-la como um troféu no templo de Athena. Conforme Page (1955, 152-61), a maioria destes poemas foram perdidos, com exceção de algumas linhas, como o único suporte documental sobre o conflito.

Os atenienses apelaram para o tirano Periandro de Corinto para arbitrar entre os dois lados a respeito de quem deveria controlar legitimamente Sigeion (Hdt.

5.94.2). Periandro, em favor de Atenas, aceitou o argumento de que, enquanto os atenienses tinham tomado parte na Guerra de Tróia e ajudou a destruir Tróia. Neste sentido, podemos dizer que os atenienses reivindicaram uma *memória coletiva*⁹¹ entre os participantes do conflito (se remetendo ao caso das 200 naus que partiram para Tróia na Ilíada). De acordo com a argumentação defendida, os metilenos eram de origem eólica e não aqueia e por isso só tinha chegado na região em uma data posterior e que, portanto, não tinha o direito de ancestralidade (autoctonia) para ocupar a terra. Duas inscrições em grego ático, datadas de c. 575-550 a. C. indicam que os atenienses ocuparam a região de Sigeion por meio século (Jeffery, 1990, 371-73). Vestígios arqueológicos, de um forte metileno na região de Achilleion entre 7 a 8 km demonstram a resistência em ceder o território e a sua recaptura por parte dos metilenos.

Podemos entender a arquitetura como capaz de criar uma fronteira (Kent, 1990,2; Adrovandi, 2009, 16). A monumentalidade representa uma ordem social de forma concreta. Hodder (1994, 74-78) descreve que a cultura material não reflete a sociedade, mas a manipulação para construí-la. A arquitetura opera para ordenar espaço e tempo. O ambiente material raramente é neutro. Os elementos são culturalmente construídos e transformados em marcos culturais. As criações de fronteiras e de espaços citadinos, como as colônias, estariam associadas com as necessidades de defesa, territórios, abrigo e proteção. Os muros e portões demarcam lugares de transição e de mudança. A divisão e a demarcação são necessárias para classificar e controlar lugares e relações. Os círculos defensivos demarcados pelo estabelecimento de territórios e cidades que contribuem para definir território e espaços urbanos. As colônias são a primeira representação coletiva com um “layout” de centro com um centro urbano (a agora) e bairros urbanizados. Para Malkin, a colonização funcionou como um promotor para a atividade política.

⁹¹ De acordo com Halbwachs (1990, 96) caracteriza a memória coletiva como correspondente ao trabalho de um determinado grupo social que realiza quando articula e localiza lembranças em quadro social comum. A memória seria formulada a partir de um ponto de apoio nas diferenças.

Os atenienses, em particular, somente começaram a estabelecer rotas comerciais a partir do VII no Egeu e do Helesponto, não indo muito além da região do Symplegades. De acordo com uma tradição textual, os atenienses estabeleceram cleruquias ou “poléis de fronteira de vocação marítima” para com o Helesponto⁹², por volta do VII, ocupando Sigeion e Elaious (Alcaeus, fr 428 LP; 5,94-5; Strabão, 13.1.38; Diógenes Laertius, 1,74; Elaious Scymn, colônia atica, 707-8). O tirano ateniense recapturou Sigeion, colocando seu filho ilegítimo, Hegesistratus como tirano. Sigeion se tornara importante para os Pisistratidas por ser o local onde Hipias passará o seu exílio e moedas cunhadas na região com o símbolo da coruja e seu nome, reconta o domínio ateniense sob a tirania, na região em 510/9 (Hdt. 5.94.1.)

CASO DE SESTOS

Os gregos se expandiram para o norte do mar Egeu e do leste⁹³. Lesbos funda Sestos na costa leste do estreito de Dardanelos de frente para a região da Troade (Hdt. 9,101; 114-18; Diod. Sic. 11.37.4-5; Plut. Cim. 9,3). Os gregos tinham um grande interesse econômico no mar Negro. Em grande parte isso se relaciona com o comércio de grãos na região do Pontos (Kolwalzig, 2013, 199-200). Assentamentos gregos arcaicos na costa norte do Mar Negro foram iniciados por poléis da Ásia Menor, como Mileto em Olbia, enquanto os Megarianos tinha ido para Bizâncio e Herakleia Pontike no sul.

Sestos, ao que parece formou junto com Lesbos uma parte da rede comercial do império ateniense que desenvolvia um complexo de ligações marítimas para as póleis do Euxino⁹⁴. Lesbos, em 428/7, por exemplo, tinha navios esperando no Helesponto para transportar grãos e outros suprimentos controlados pelos atenienses.

⁹² As primeiras cerâmicas de figuras negras de origem ateniense são encontradas em Berezan, Istriae Apollonia (Keen, 2000).

⁹³ Péricles entre 430 estabelece as primeiras cleruquias no Mar Negro e em Sinope.

⁹⁴ A documentação textual (Tuc. 3.2.) e a epigrafia (IG i3 71.IV.127; 128; 164-70) atestam para a possível de presença de gregos para as possíveis do poléis do Bósforo.

As listas de tributo de 425 destacam mais de quarenta cidades do Pontus; Apollonia e Herakleia estão razoavelmente restauradas, e um grupo de cidades no Kimmerian Bosphoros parece plausivelmente indicado. Mais ao sul, os phrouroi ("watchers") que estavam guardadas no Helesponto Kyzikos e Byzantion, e havia o famoso Hellesponto phylakes, em ambos em 420. Os atenienses tinham um propósito em rotas comerciais para além da região do Helesponto.

AS MOEDAS E A VOCAÇÃO COMERCIAL DE LESBOS

Consideramos as moedas como artefatos cujos símbolos trazem à memória dos habitantes de Mitilene a tradição, o passado em momentos de crise ou embates políticos. No caso, aqui analisado por nós, primeiro, a comunidade de Mitilene em confronto com Atenas em dois períodos: o primeiro em 428 a. C. em meio a Guerra do Peloponeso e, segundo, em 333 a. C., quando Alexandre invade a Ásia Menor durante a incursão do Império Persa. Priorizamos estes dois momentos históricos diferentes em virtude da subvelação aristocrática dos habitantes de Mitilene contra a autoridade bélica ateniense nas Ligas de Delos e Corinto⁹⁵.

Observamos que ambas as ligas impuseram decretos em estelas cerceando a autonomia dos Mitilenos a fim de que estes se mantivessem fiéis às determinações do imperialismo ateniense, com o propósito de privilegiar a unilateralidade dos pactos (por exemplo, temos as Inscriptiones Graecae IG I3 67 (I2 53) da liga de Delos e a I G

⁹⁵ A Liga de Delos e de Corinto pode ser entendida como a associação das cidades-estados gregas contra um inimigo externo para assegurar a soberania e a autonomia política do território grego. As políticas das Ligas tiveram sua idealização a partir das Guerras Médicas iniciada pelos gregos contra a tentativa persa, comandada pelo rei Xerxes, de dominar as cidades e colônias gregas na Ásia Menor e seu possível avanço em direção ao continente. Atenas assume o controle por ter uma grande frota naval e que durante o governo de Péricles havia se transformado num Império. Mesmo com a derrota persa, os aliados continuavam mandando recursos, tributos à deusa Athená, para assegurar a proteção em caso de uma outra possível ameaça. De acordo com Claude Mosse (1979: 57), '*... a democracia ateniense estava condicionada à manutenção do Império ...*'. Felipe e Alexandre seriam no período helenístico os *hegemon* (generais) dos gregos, após a Macedônia se tornar a cidade-estado mais poderosa do período impuseram aos gregos continentais e insulares (ilhas) o controle da Liga de Corinto. Os dois reis macedônicos garantiriam a proteção militar contra uma possível invasão persa por parte de Dario, que tal como Xerxes, anteriormente, tinha pretensões de invadir o território da Helade.

II2, 40 de 378/7 da liga de Corinto). Temos ciência de uma série de acordos econômicos dos Mitilenos com os Focaeus⁹⁶ na Ásia Menor. Esses acordos permitiram a participação dos aristocratas em outras ligas, podendo ser interpretadas como subterfúgios que permitiram a autonomia política e econômica de Mitilene desvinculada dos centros de comando das respectivas ligas Delos/Atenas e Corinto/Macedônia, utilizando a efígie de Apolo nas moedas como símbolo identitário⁹⁷.

As moedas representam significados, mensagens, do emissor para seus receptores⁹⁸. As póleis gregas podem ser caracterizadas por sua autonomia ligada à forma de governo, aos deuses e heróis protetores e sua economia que as tornam distintas uma das outras (Lawton: s/d). Consideramos a moeda como uma testemunha eloquente dessa autonomia, demonstrada por meio de figuras, símbolos e inscrições. As moedas gregas de Mitilene, nosso objeto de estudo usara uma combinação de figuras, símbolos, e inscrições para enfatizar a independência e individualidade das póleis e descrevem as deidades protetoras, produtos e heróis. De uma maneira geral, as moedas gregas continham uma imagem que expressava a deidade principal ou herói

⁹⁶ A inscrição em uma estela (BMC, Troas, p. IXV; Hicks e Hill, Grk. Hist. Inscr., No. 94) registra um acordo que entrou em circulação entre Mitilene e Phocaea por volta de 400 aC, nos termos constam que as duas cidades cunharam de Electrum para naquele ano exercerem práticas comuns (το χρυσιον), e que magistrados foram nomeados para julgar delitos praticados com a cunhagem fraudulentas que não continham 98% de ouro.

⁹⁷ O que tem despertado a nossa atenção está no fato de encontrarmos neste período moedas cunhadas com símbolos que fogem ao padrão Athená/Coruja que demonstra que os mitilenos, após a revolta, e mesmo tendo capitulado, assumem a promoção e a preservação dos vínculos culturais locais através da construção de identidade que integra a memória da comunidade. A situação específica de parte da aristocracia de Mitilene colabora para a formação de figurações e configurações múltiplas de identidade resultado pela busca do sentido de pertencimento e pela tentativa de recuperar o que Marc Augé denomina “lugar antropológico” ou lugar compartilhado. O sentido de “pertencimento” vai além de um limite puramente físico, portanto, o “*lugar antropológico*” é a construção concreta e simbólica do espaço que o indivíduo reivindica como seu; que sintetiza todo o seu percurso cultural; que é ao mesmo tempo identitário, relacional e histórico (AUGÉ, 1994, 31).

⁹⁸ Carlan, 2005.

‘cívico’ das poléis⁹⁹. No caso de Lesbos, a cunhagem esta ligada à aristocracia com a finalidade de manter as suas relações comerciais ou como uma função dos templos que cunhavam moedas com um caráter votivo aos deuses (KRAAY, C. M.: 1976).

As moedas de Apolo podem ser configuradas como um *lugar de memória* dos aristocratas entre o V e IV a. C. Sabemos que moedas com a éfige de Apolo foram encontradas no templo de Demeter, e no porto de Metilene, cujo templo será dedicado a Apolo Maleois, tais locais representam como um lugar a uma cultura localizada no tempo e no espaço. Desta forma, as acrópoles e o templo de Demeter se constituem em lugares antropológicos’ (AUGÉ: 1994) por retratar um *espaço identitário, histórico e relacional*. Dotar estes locais como lugar de identidade passa por remexer o seu passado enquanto lugar de memória. Neste contexto, as moedas determinam um ‘lugar antropológico’ da aristocracia compartilhado não só por quem os usufrui nas trocas comerciais em nível local, mas para quem de fora, procura entendê-las. O diálogo da História com a Antropologia nos permite estabelecer uma explicação sobre a produção de sentido e o princípio de inteligibilidade para o entendimento do comportamento dos usuários.

⁹⁹ Jenkins, G. K., *Ancient Greek Coins*, 2nd ed. London, 1990; Grierson, P. and Westermarck, U., eds. Cambridge, 1991. Carradice, I. and Price, M., *Coinage in the Greek World*. London, 1988. Kraay, C., *Archaic and Classical Greek Coins*. Berkeley and Los Angeles, 1976.

Prancha 01	
Denominação: El Hekte - Metal: Prata Peso: 2.53g - Diâmetro: Não especificado Série: Rara Autoria: Não especificada Local: Mitilene (Lesbos) Datação: 454-427 Anverso: Safo Descrição/Decodificação: Rosto de Safo, cabelos soltos e um diadema à esquerda. Inscrição Reverso: M encrustado Descrição/Decodificação: Cabeça de boi com chifres Localização atual Classical Numismatic Group - www.cngcoins.com Referências Bibliográficas: Asia Minor Coins http://www.asiaminorcoins.com/gallery/displayimage.php?pos=-1214 Bodensdt Em. 44 (dies a/b); BMC Troas p. 160, 50 ; SNG Cop. -; SNG von Aulock – Boston MFA -; BMC 50 . Bodensdt recorda ter visto mais 6 exemplares, mais somente 1 localizado em coleção de museu.	

Prancha 02

Denominação: El Hekte - Metal: Prata
Peso: 2.55g - Diâmetro: Não especificado
Série: Rara
Autoria: Não especificada
Local: Mitilene (Lesbos)
Datação: 454-427
Anverso: Safo
Descrição/Decodificação:
Rosto de Safo, cabelos soltos e um diadema à esquerda.
Inscrição Reverso: M encrustado
Descrição/Decodificação: Cabeça de boi com chifres
Localização atual Classical Numismatic Group -
www.cngcoins.com
Referências Bibliográficas:
Asia Minor Coins
<http://www.asiaminorcoins.com/gallery/displayimage.php?pos=-1214> Bodenstedt Em. 56 (dies d/d); Boston MFA 1702 (same dies).



As representações numismáticas com a figuração de Apolo descrevem a produção de duas figurações. A primeira vinculada a uma divindade feminina, quase sempre associada Artemis ou Demeter. O templo de Demeter onde as moedas foram encontradas é considerado, na sua preservação, como espaço onde um grupo social ritualiza sua memória e se identifica, no caso, o grupo social seria o dos *aristhoí* de

Mitilene. Estas divindades que apresentavam cultos populares em localidades dóricas de acordo com Estrabão quando descreve a geografia de Lesbos. As figuras femininas teriam como epíteto a função de *karpophoros* que simbolizam o culto a terra, a fertilidade e a subsistência. A figuração de Apolo com lira nos remete ao seu caráter oracular e conhecido como Maloeis, cujo templo se localiza no castelo de Metilene, no lado norte ao lado do porto (Griffith, s/d, 65). A localização vincula o santuário a atividades comerciais e o símbolo da lira as manifestações votivas comparadas e associadas com o oráculo de Orfeu (Massa-Pairault & Torelli, 1988).

As moedas de Mitilene em Lesbos nos remetem ao conflito do Peloponeso, narrado por Tucídides, no Livro III da obra Guerra do Peloponeso. A Liga ou *Simaquia* enquanto uma confederação de cidade-estado livre era regida por leis que versavam no cumprimento de determinadas regras, tais como: o pagamento em moedas votivas para o tesouro da liga em Delos, a contribuição com barcos tripulados e soldados. A tributação excessiva por parte de Atenas faz Mitilene sublevar-se contestando essa determinação imposta por Atenas, infundada na visão dos mitilenos pela inexistência de um avanço persa que colocasse em perigo a autonomia política dos gregos integrantes da Liga. A formação da Liga de Delos, de certa forma, deixa transparecer que os gregos sempre formaram um bloco coeso e resistente a favor da democracia e sob a hegemonia ateniense e lutavam contra a realeza, a forma de governo dos espartanos e dos persas.

De algum modo essa vertente historiográfica tem sido reproduzida sem esboçar grandes questionamentos e indagações, como nos indica as abordagens de Rice (2002) e Claude Mosse (2004) que estendem suas análises da posse da Ásia Menor ao período de Alexandre, o Grande. De certa maneira se tornou convenção colocar que não houve nenhum tipo de resistência, por parte dos habitantes da região grega tanto em relação ao processo hegemônico ateniense no V a. C. quanto a formação da Liga de Corinto IV a. C. pelos macedônios.

Essa posição nos parece bastante equivocada não somente para o V século, mas também para o IV século. Lesbos e Quios, a partir de 333 a. C. tiveram vários momentos de sublevação para se desligar da Liga de Corinto, situação muito parecida com aquela que acontecerá em 428 a. C., narrado por Tucídides no Livro III da Guerra do Peloponeso. Lesbos foi reintegrada a Liga de Corinto e Alexandre ordenará que cada localidade reconquistada tenha uma guarnição militar comandada pelos *hetairoi* (companheiros do rei, no caso Alexandre, o Grande). Em relação a Mitilene, dois *hetairoi* ficaram responsáveis pela guarnição militar (Laomedon) e outro pela administração do espaço urbano (Eurysilaus¹⁰⁰). Um esquema de dominação muito semelhante ao que fora imposto em Atenas: guarnição militar nos portos comandada por Eubolos e outra no espaço urbano administrada por Demetrius de Faleros.

As ilhas do norte do Egeu, sob o domínio política das famílias aristocrática¹⁰¹ eram consideradas tiranias para os atenienses pelo fato das decisões políticas estarem situadas sob a vontade e caprichos do tirano/despotes. Equivale ressaltar que os gregos da Ásia Menor, como a pólis de Mitilene, desenvolveram uma intensa relação de solidariedade e reciprocidade (*xenia*¹⁰²) com os impérios orientais,

¹⁰⁰ Supomos que estes acordos com os habitantes da Ásia Menor fazem parte das relações de solidariedade e reciprocidade fixadas pelo domínio aristocrático, cuja herança advém do grupo de Safo e Alceu. Essa inconstância do poder entre aristocracia ora favorável aos grupos democráticos até 343 a. C. quando a monarquia macedônica se tornou dominante. Um dos últimos grupos aristocráticos a ter exercido o poder foi composto pelos três irmãos, Apollodorus, Hermon e Heraeus. Ambos exilados por Filipe da Macedônia quando este se tornou hegemom da Liga de Corinto. Felipe colocou dois *hetairoi* como administradores da ilha, Agonippus e Eurysilaus. Nesta época, em Eressos, foram erguidos altares em homenagem a Zeus Phillipios, provavelmente a mando dos dois generais.

¹⁰¹ Alexandre soube usar a Liga de Corinto consolidada nos tempos de Filipe. Em 333 a. C. depois da Guerra contra Mnenon, comandante greco-persa, pela posse da Ásia Menor, as ilhas do Egeu se tornaram novamente aliadas de Alexandre. A administração da Liga de Corinto, nos tempos de Felipe sobre as ilhas do Mar Egeu era desigual porque o império e a realeza macedônica não dependiam da existência das aristocracias. Nos tempos de Alexandre e da conquista da Ásia Menor essa situação parece se inverter, para exercer o comando absoluto da região e deter o avanço persa, era preciso combater o domínio das oligarquias que se aliavam constantemente ao reino Persa que colocava o continente grego em perigo. De acordo com o historiador Bosworth (2000, 192-3) em Eressos, por exemplo, foi encontrado um dôssie no qual se diz que a tirania da polis foi exilada em 343 a. C.

¹⁰² *Xenia* significa a hospitalidade entre os gregos e os estrangeiros. Nesta prática existiam práticas e obrigações, as 'leis de hospitalidade' que perpassavam tanto os *kakoí* (pobres) quanto os *aristhoi* (aristocratas). Para com relação aos estrangeiros a *xenia* tem diversas etapas: oferecimento de abrigo ao

principalmente, com a região da Lídia e, fato que levou os atenienses a desenvolverem esse tipo de visão aproximada entre aristocracia e realza.

CONCLUSÃO

Desde o período arcaico, a região de Lesbos parece ter sido um destacado fabricante e fornecedor de vinho, azeite e importador de cereais para várias regiões da Grécia e inclusive para comunidades da Ásia Menor (SCHAUS: 1996, 27-74). Esta atividade mercantil está presente na ilha sob a liderança dos *aristhoí* desde o VII a. C., já no V séc. a. C., a atividade mercantil mantém a sua produtividade o que levou os magistrados atenienses, sob a liderança de Péricles efetuar uma empreitada militar visando bloquear a concorrência mercantil. A intervenção objetivava também a desarticular a hegemonia dos *aristhoí*, substituindo o grupo político pela *hetaireía* pró-democrática. O constante retorno aristocrático ao poder pode indicar que os governos macedônicos, tal e qual o imperialismo ateniense de 428 a. C., não era muito aceito por uma parte da população de Lesbos. Podemos supor que o constante retorno se deve a economia mercantil praticado por esses grupos é responsável pela sobrevivência da sociedade políade local.

A atividade ligada ao comércio de vinho tornará Lesbos um ponto estratégico¹⁰³, mesmo após a conquista de Alexandre, como fornecedora de bebida e alimento para o exército. Seguindo os dados arqueológicos estudados por Labarre (1996) em um trabalho sobre a ocupação da ilha de Lesbos, o autor considera que a

estrangeiro; sacrifícios e banquetes; troca de presentes, firmando assim laços entre as duas partes - estrangeiro/ anfitrião e suas famílias (LIMA, A.C.C. *Cultura Popular em Atenas no V Século a. C.* Hélade: Suplemento I. Rio de Janeiro: Sette Letras, 2000, 44).

¹⁰³ Mitilene estabelece uma relação muito mais antiga e próxima da Ásia, como nos lembra Estrabão (17.1.33), historiador grego do I séc. d. C., ao falar de Charaxos, irmão de Safo, que comercializava vinho. Destacando Lesbos como um lugar de comércio de vinho no Mediterrâneo, um espaço privilegiado que a *hetaireía* de Safo conquistara e que lutavam para não ceder às pretensões dos atenienses.

localidade era um destacado importador de grãos, mas um produtor e exportador de azeite e de vinho até os tempos da dominação dos romanos.

BIBLIOGRAFIA

Augé, M. *Pour une anthropologie des mondes contemporains*. Paris, Aubier, 1994a.

_____. *Le sens des autres. Actualité de l'anthropologie*. Paris, Fayard, 1994b.

Bosworth, A. B. *Alexander and the East: The Tragedy of Triumph*. Oxford: Clarendon Press, 2000.

Carlan, C. U. *Numismática \ Documento \ Arqueologia: A Cultura Material e o Ensino da História*. Revista Cadernos de História. V. 12. N. 1. Universidade Federal de Uberlândia, 2005.

Labarre, Guy. *Les cités de Lesbos aux époques hellénistique et impériale*. Collection de l'Institut d'Archéologie et d'Histoire de l'Antiquité. Université Lumière de Lyon 2; 1, 1996.

Kraay, C. M. *Archaic and Classical Greek Coins*. London: Methuen & Co. Ltd., 1976.

Kolwalzig, B. *Transcultural chorality*. 2013.

Malkin, I. *Networks and the Emergence of Greek Identity*. Malkin (ed.). *Mediterranean Paradigms and Classical Antiquity*. Cambridge: HUP, 2005, 56-74.

Mossé, Cl. Alexandre, o Grande. São Paulo. Estação Liberdade. 2004.

Mylonas, G. E. *Excavations at Thermi in Lesbos by Winifred Lamb*. The Classical Journal, vol. 33, n. 4, jan. 1938, 234-236.

Mosse, Claude. *Atenas: a história de uma Democracia*. Brasília: Universidade de Brasília, 1979.

Papamarinopoulos, Stavros, Gregory N. Tsokas and Hector Williams. 1985. "Magnetic and Electric Measurements on the Island of Lesbos and the Detection of Buried Ancient Relics." *Geoexplorations* 23: 483-490.

Pollitt, J. J. Art in the Hellenist Age. 1986, 131.

Rice, E. E., Alexander the Great, London, Sutton Publishing, 1997.

Schaus, G. P. "An Archaeological Field Survey at Eresos, Lesbos", *EchCl* 40 (N. S. 15), 1996, 27-74.

Torelli, M. 1988, "*Etruria principes disciplinam doceto*" il mito normativo dello specchio di Tuscania', in *Studia Tarquiniensia* (Archaeologia Perusina 9), eds M. Torelli and F.H. Massa-Pairault, 109–18.

Williams, Caroline and H. Williams. 1991. "Excavations at Mytilene, 1990." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 10, 34.2: 175-191.

Williams, Caroline and H. Williams. 1990. "Excavations at Mytilene, 1989." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 9, 34.2: 181-194.

Williams, Caroline and H. Williams. 1989. "Excavations at Mytilene, 1988." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 8, 33.2: 167-182.

Williams, Hector. 1989. "Notes on Roman Mytilene." Pgs. 163-168. *The Greek Renaissance in the Roman Empire: Papers from the Tenth British Museum Classical Colloquium*. S. Walker and A. Cameron eds. London: University of London, Institute of Classical Studies.

Williams, Caroline and H. Williams. 1988. "Excavations at Mytilene, 1987." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 7, 32.2: 135-150.

Williams, Hector. 1990. "Hellenistic Mytilene." Pgs. 504-505. In *Akten des XIII. Internationalen Kongresses für Klassische Archäologie Berlin 1988*. Mainz am Rhein: Verlag Philipp von Zabern.

Williams, Caroline and H. Williams. 1987. "Excavations at Mytilene (Lesbos), 1986." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 6, 31.2: 247-262.

Williams, Caroline and H. Williams. 1986. "Investigations at Mytilene, 1985." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 5, 30.2: 141-154.

Williams, Caroline and H. Williams. 1986. "Ανασκαφές στην Μυτιλήνη κατά το 1986." *Lesbiaka* 9: 223-232.

Williams, Caroline and H. Williams. 1985. "Investigations at Mytilene, 1984." *Échos du monde classique* = *Classical Views* 5, 29.2: 225-233.

Williams, Caroline. 1984. "Hellenistic and Roman Buildings in the Medieval Walls of Mytilene." *Phoenix* 38: 31-76.

Williams, Caroline and H. Williams. 1984. "Investigations at Stymphalos and Mytilene, 1983." *Échos du monde classique = Classical Views* 5, 28.2: 169-173.